

## Agruras no paraíso

Uma Letícia “ressabiada” encontrava-se postada na antessala do aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro.

Cheia de malas e revistas, em meio a pensamentos agourentos, de frente para o portão de embarque, numa noite de verão, nervosa como sempre, a coitada aguardava o embarque.

Os que a observavam tinham a impressão de que ela era mais uma daquelas mulheres de meia idade que haviam envelhecido mal e que agora andavam meio malucas, falando sozinha pelos lugares, cheias de mania e se benzendo o tempo todo. Um olhar mais atento perceberia a garrafa trazida debaixo do braço e a qual levava à boca sorrateiramente de tempos em tempos – chá de camomila – mas, pelo modo como ela bebia, parecia mesmo que era uma boa cachaça, isso sem falar no unguento que lhe servia de calmante para as eventuais crises de falta de ar. Ela invariavelmente as sentia quando estava tensa, e passava no rosto o unguento, como se fosse água de colônia, o que a deixava com a cara toda melecada, sem falar no “modelito” da grife “Mindingo” e de seus arrepiados cabelos longos, que, naquele momento, pareciam mais arrepiados do que nunca, levantando a suspeita de todos aqueles que a acompanhavam com o rabo dos olhos e deixando um “vácuo” ao seu redor (já que ninguém queria viajar ao lado de uma bruxa desvairada, com a aparência estranhíssima e com um cheiro de “velho” que vinha do unguento).

Como Letícia não estava nem aí para os outros, sua única preocupação era mesmo como chegar ao seu destino – uma ilha no meio do Atlântico, longe pra burro! Ela não estava preocupada em passar em algum concurso para Cinderela ou bobagens afins.

Assim, atolada em pensamentos sinistros, a “moradora de rua” Letícia, seguia a fila, rezando baixinho:

- Senhor, Senhor! (respirava fundo) Eu vou conseguir... Eu vou conseguir...Vou nada! Essa merda vai cair... Essa merda vai cair! (e virava a garrafinha na boca).

- Senhor, eu prometo que se eu sair dessa, eu vou...

E, pela viagem inteira, Letícia seguia seu destino se endividando com Deus e com todos os santos dos quais era capaz de lembrar, reclamando com gestos largos.

O avião levantou voo e Letícia seguiu o seu destino inexorável, fazendo o sinal da cruz e dando o primeiro chique da viagem.

Antes de ir para a tal ilha paraíso, Letícia deu uma parada em Natal e, extasiada com beleza de suas lindas praias, resolveu dar o famoso passeio de buggy, anunciado aos quatro cantos pelas vitrines da cidade.

- Com emoção ou sem emoção? Perguntou brincalhão o guia magérrimo, praticante de yoga e que tinha pinta de ter sido frequentador assíduo dos bastidores de Woodstock.

- Com um **processo**, avisou uma mal humorada Letícia.

- Tudo bem, segura aí!

Letícia se segurou o máximo que pôde, mas nem seu chapéu, nem suas gordurinhas e, principalmente, nem suas tripas ficaram no lugar!

- AHHAHAHAHAHAH!!SOCORRO!!!!!!!!!!!!!!

- Que é isso, garota? Esse morrinho? Isso aqui não faz mal pra ninguém!

E lá se foi a “pobre coitada” sacolejando no carrinho veloz.

Numa parada estratégica, o “yogue” tentou colocar um bicho que era mistura de jacaré com cobra nos braços de Letícia.

Não deu certo mesmo... Letícia tinha aversão a bichos peçonhentos e então, numa sequência de socos e pontapés, deu um empurrão tão forte no guia magricelo, que ele e o bicho maligno rolaram morro abaixo.

Naquele instante, o plácido motorista desistiu do passeio e levou Letícia de volta ao hotel.

Alguns dias depois do malfadado passeio, finalmente o avião pousou na tal “ilha paraíso” e Letícia saltou o mais rápido que pôde, derrubando um monte de passageiros que estavam a sua frente e que gritavam irritados com sua limitada etiqueta:

- Ô, nossa, que foi isso? Quem é essa mulher? Que horror...

Depois desse pequeno vexame, Letícia postou-se frente à esteira, aguardando as malas e, mais calma, deu uma “sacada geral” nas outras pessoas. Tudo muito colorido, muito barulhento, um calor dos infernos, e cheio de surfistas sarados. Letícia levantou as sobranças e desconfiou da mansidão das águas do paraíso.

Ouviu seu nome sendo chamado e deu de cara com seu guia que, graças aos céus, era gordinho também. Muito simpático, o sujeito tinha uma linguagem toda própria:

- Let's nessa!!

Letícia respirou aliviada, e, com os punhos fechados no peito, emocionada, de gordo para gordo, respondeu:

- Let's nessa!!

Ele levou Letícia para longe do aeroporto e a colocou dentro de um jeep velho e acabado que rugia como um leão toda vez que passava a marcha, mas que era o suficiente para tirar Letícia do ambiente aéreo. Ela estava adorando!

O guia foi mostrando as belezas da ilha enquanto Letícia pensava: - Que lugar mais lindo, que maravilha!! Meu Deus, isso é um sonho...

Mas o paraíso também tinha seus "caprichos" e Letícia, naturalmente, ia ao encontro deles.

Chegando à pousada, Letícia dirigiu-se ao quarto e ligou o aparelho de ar condicionado:

Duas baratas enormes caíram em cima dela!

A coitada quase arrancou a porta do quarto e jogou-se na sala do hotel dando "esporro" em todo mundo, querendo uma indenização e, principalmente, querendo cair fora daquele lugar.

Indignada, Letícia falou:

- Olha só, meu senhor, isso acontece sempre?

O insuspeito funcionário respondeu:

- Não, senhora! Pode se acalmar, foi apenas um susto!

- Se acontecer de novo, eu vou embora!

- Tudo bem, mas esse é o hotel mais barato da ilha – respondeu seco.

Letícia acabou por aceitar seu destino.

Adormeceu mal e ficou a noite toda “com um olho na missa e outro no padre”, tomando conta das paredes para ver se alguma outra barata ou coisa pior aparecia.

O dia amanheceu esplendoroso, mas Letícia estava num humor nebuloso. O gordinho já esperava por ela cheio de disposição.

- Let's nessa!

- Vai pro inferno...

O guia não se abalou e passou a viagem inteira levando a Letícia para locais pra lá de pitorescos e, depois de três horas de caminhada, debaixo de um sol escaldante e de mordidas de mosquitos, eis que vem a “surpresa” do dia.

- Você tá de sacanagem! Gritou Letícia ao se deparar com um buraco no meio da montanha e onde, aparentemente, todos os turistas entravam para alcançar uma praia deserta lá embaixo. O buraco continha uns duzentos degraus (maior que a escadaria da Penha) em formato helicoidal, com a metade deles dentro de uma sufocante montanha, e num lugar tão apertado que mal cabiam as pernas da Letícia (seu quadril era de tamanho considerável).

- Não vou! Letícia estava em pânico: – Que palhaçada, nem pensar!!

- Dá licença...

Letícia virou de costas e viu uma senhorinha que deveria contar com mais de setenta anos e que estava toda “serelepe” querendo descer aquela pedreira dos diabos.

Letícia teve seus brios feridos e resolveu descer a porra da montanha.

Os músculos nunca utilizados das coxas da Letícia quase a fizeram ver duendes, tamanha a dor que sentia, mas ela não disse nada porque a velhota já estava se jogando no mar, feliz da vida, e ela não iria “pagar aquele mico” de jeito nenhum.

Juntando o resto das forças que tinha, caiu no mar.

Quase se afogou com as câimbras...

- Ahhhh!!!!

Foi resgatada pelo guia gordo e por mais dois homens muito fortes.

De volta à pousada, Letícia dormiu o resto do dia para tentar esquecer o incidente da praia, porque havia sido colocada num barco que passava por lá (não conseguiu voltar pela montanha) e, em pouquíssimo tempo, com o mar revolto, acabou por passar mal.

- Oh, Céus...

Letícia vomitou o barco todo e foi xingada em várias línguas, inclusive no bom e nacional português.

Vida que segue, Letícia caiu no sono, derrubada pela “marola” que estava fazendo festa na sua cabeça fraca.

No dia seguinte, resolvida a seguir em frente, bem disposta e cheia de fôlego, ela foi fazer um passeio do outro lado da ilha.

No início tudo eram flores, sol razoável, cabras no caminho, etc. Tudo ia bem até que começou a ficar quente, muito quente. Chegaram a uma prainha, e a grande diversão era nadar com os peixes. Letícia caiu na água e começou a brincar no aquário. Feliz, corada e refrescada, Letícia não percebeu as pessoas nadando de volta para a beira da praia e, num de seus mergulhos, deu de cara com um tubarão branco!

As pernas de Letícia ficaram imóveis.

Mais uma vez, teve de ser resgatada pelo guia, que, àquelas alturas, já apostava que ela estava fazendo cena e que queria mesmo era uma noite de amor com o “nativo”.

Letícia deu um soco no gordinho e saiu da água gritando com todo mundo ali. “Pagou geral pra galera” e deixou o local indignada.

Retornou pelo mesmo caminho e ganhou de acompanhante um surdo-mudo muito simpático. Não sabia seu nome, porque não entendia a linguagem de sinais, então, resolveu chamá-lo de Zé. Os dois voltaram debaixo de um sol escaldante e em alguns pontos Zé corria fazendo Letícia se apressar. A água do cantil acabou, e deu-se ali o início de uma insolação.

Quando, horas depois, encontrou um restaurante, Letícia partiu pra cima da comida como alguém que acha um oásis. Tentou refrescar-se com um refrigerante, mas seus

cabelos, coração e pernas estavam todos fora do lugar. Resolveu comer logo e, depois da primeira garfada, sentiu fortes dores abdominais.

Voltou correndo para o hotel e ficou por lá, agarrada ao vaso sanitário, por mais dois dias.

Após esses incidentes, Letícia decidiu ser mais cautelosa, deixou de sair debaixo do sol forte e resolveu virar morcego. Só andava à noite e bem acompanhada pelo Zé, que era a companhia ideal. Ela falava demais e ele não falava nada (Letícia tinha a impressão de que ele nem sequer a entendia), o que facilitava muito a amizade, já que Letícia era um pouquinho truculenta, mas o que importava? Finalmente estava se divertindo...

A noite caiu, e o Zé resolveu ficar romântico:

- Hummm....- O Zé moveu a boca e as mãos e tentou se aproveitar da bebedeira da Letícia, mas se deu mal...

Letícia ficou puta - Será que não se pode ter um amigo hoje em dia sem que ele tente se aproveitar da gente?— pensou Letícia, começando a pegar fogo.

- Ô companheiro, acho melhor você desapegar de mim... Não sou boa nessas coisas... Você vai se dar mal – disse Letícia de rabugice, e tensa como uma tora de madeira esperando a serra elétrica.

O Zé se fez de desentendido e não deu bola para a cara enfezada da Letícia, partindo para o ataque.

Letícia, ainda sóbria, deu um safanão tão grande no pobre coitado que ele quase falou.



- Bem feito! E virou as costas, abandonando o Zé, cheio de amor pra dar, sozinho e bêbado na porta do bar.

Alguns turistas tentaram levar o Zé para casa, mas ele, endiabrado, seguia se debatendo e resmungando...- L..lee....- Como ninguém entendeu nada, largaram o pobre diabo na delegacia da ilha e ele passou a noite na cadeia.

Ao acordar, deu de cara com um Negão que resolveu casar com ele ali mesmo. O Zé até tentou gritar, mas o delegado não escutou o som de sua voz.

Quando foram tirar o infeliz da cela, horas mais tarde, acharam o pobre diabo debaixo do Negão, desmaiado e amassado. O Negão era forte pra caramba...

E Letícia continuava na ilha tentando se divertir...

Descobriu, então, que havia uma festança num hotel classe "A" e resolveu que naquela noite faria uma loucura. Comprou um ingresso caríssimo e retornou a sua humilde pousada esperando a noite chegar, mas, no fim da tarde, quando foi ao banco, descobriu que tinham bloqueado sua conta.

Lisa como uma língua anêmica, correu para o hotel de luxo para pedir, envergonhada, reembolso.

No outro dia, devido a seus problemas bancários, Letícia se despediu da ilha e, no caminho, deu de cara com o Zé, que gesticulava fortemente entre sinais, todo atrapalhado, tentando tomar satisfações com a Letícia e virando de costas pra ela, apontando para aquele "ponto negro" com veemência.

Letícia entendeu que ele tava mandando ela praquele lugar e partiu pra cima do mudinho e deu-lhe mais uma bofetada.

O mudo caiu no chão e, antes de Letícia matá-lo de pancada, alguém gritou que o mudinho tinha passado a noite na cadeia.

Letícia imediatamente tirou suas garras de cima do coitado e começou a pedir desculpas, cheia de arrependimentos. O Zé perdoou a Letícia e, num rasgo de emoção, com o cérebro alterado pelo próximo voo, Letícia não pensou duas vezes e deu-lhe um bilhete.

O Zé ficou todo satisfeito, beijou a Letícia e foi embora.

Chamaram o voo de nossa amiga e ela embarcou.

O Zé, no caminho de volta, abriu o bilhete e ficou parado no meio da estrada com ar de desentendimento.

No bilhete estava o número do telefone da Letícia.